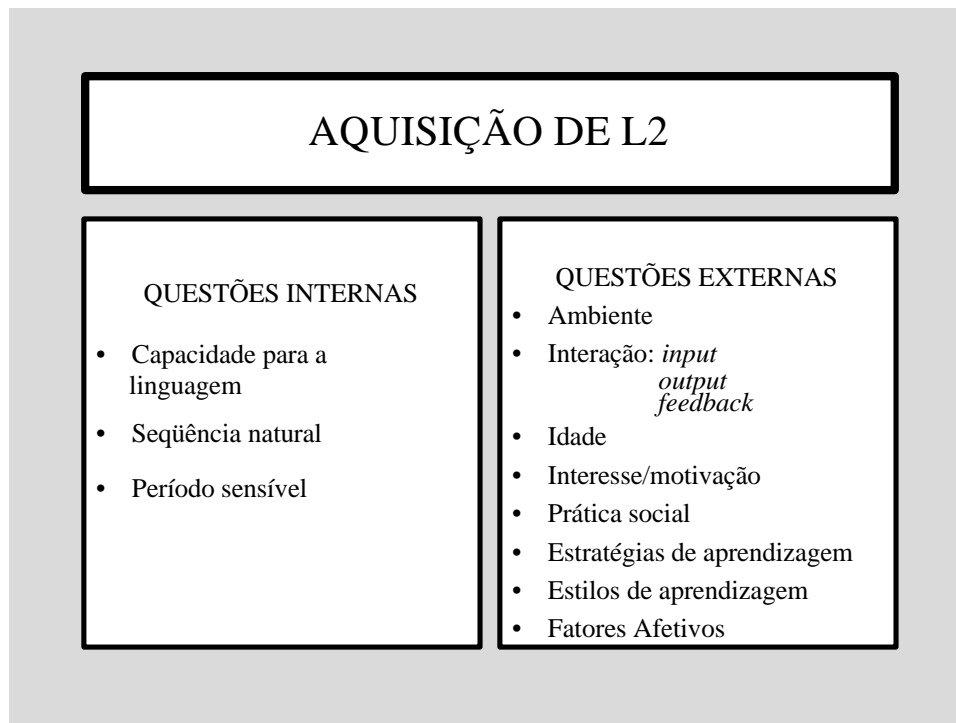


AQUISIÇÃO DE L2: o contexto da pessoa surdaⁱ

Ronice Müller de Quadrosⁱⁱ

Considerando os estudos sobre o aquisição de L2 observa-se que há questões internas e questões externas que determinam o processo. O quadro abaixo sintetiza tais possibilidades:



Pode-se dizer que há um consenso entre os estudos de aquisição de L2 de que as questões internas sejam considerados como pressupostas¹. Qualquer língua, seja ela falada, sinalizada ou escrita, representam possíveis manifestações da faculdade da linguagem¹. Assim, a aquisição de uma L1 e/ou de uma L2, independente da modalidade, envolve processos internos. Tais processos são determinados pela capacidade para linguagem específica dos seres humanos e apresentam uma seqüência natural. É por essa razão que se torna possível identificar processos comuns de aquisição de qualquer língua (falada, sinalizada e/ou escrita). Analisando o processo peculiar de aquisição de L2 por alunos surdos, isto é, a aquisição da língua portuguesa escrita, pode-se supor que tal processo também seja regido por princípios universais. Lillo-Martin, Hanson & Smith (1992) apresentam algumas evidências do processo de aquisição do inglês escrito por

alunos surdos americanos que indicam a aplicação dos universais. Os autores verificaram que as produções dos alunos surdos não violaram os princípios que se aplicam às línguas. Os erros encontrados estão relacionados a idiossincrasias do léxico e da morfologia do inglês, além de marcação paramétrica inadequada¹.

Um detalhe importante a ser considerado relaciona-se com o processo de alfabetização que também representa uma manifestação da faculdade da linguagem. Dentro das escolas, salvo os métodos utilizados para alfabetizar, os alunos surdos alfabetizam-se. Os alunos, que dominam a LIBRAS, quando têm oportunidade de experienciar a escrita, produzem textos estabelecendo relação de significado entre produção escrita (gráfica-visual) e a língua de sinais (espacial-visual).

A grande problemática na educação de surdos gira em torno do processo de aquisição da leitura e escritura do português. A aquisição do português pelos surdos também envolve os universais. Os princípios universais indicam que o ensino de línguas deve oferecer a oportunidade ao aluno de estar em contato com a língua para desenvolvê-la de forma natural (oferecer *input*). No entanto, além das questões internas, o ensino de L2 exige uma atenção especial às questões externas, especialmente, no caso de ensino para surdos. Sugere-se que as áreas que devam ser enfatizadas no processo de ensino de línguas envolvam os aspectos relacionados ao sistema morfológico e ao léxico, pois esses refletem as variações das línguas. Além desses aspectos relacionados diretamente às línguas, cabe salientar que as questões externas extrapolam as análises lingüísticas no processo educacional. Algumas questões, referidas no quadro acima como “variáveis”, serão tratadas a seguir.

O ambiente do ensino da língua portuguesa - L2 - para surdos, por envolver o ambiente escolar e o ensino de língua, caracteriza um ambiente não natural de língua. Pensando na realidade dos surdos brasileiros, poder-se-ia supor que o ambiente fosse caracterizado como natural, pois quase todas as pessoas com quem eles convivem usam a língua portuguesa, isto é, os surdos estão “imersos” no ambiente em que a língua é “falada”. No entanto, a condição física das pessoas surdas não lhes permite o acesso à língua portuguesa de forma natural. Na verdade, nestes casos não há “imersão”, no sentido em que o termo é empregado nas propostas de aquisição de L2 com base no enfoque natural (programas de imersão). Portanto, o ambiente de aquisição/aprendizagem da L2 para os surdos é não natural.

Quanto ao tipo de interação, oferecer ao aluno surdo um *input* qualitativamente compreensível, autêntico e diversificado é um desafio para os professores. Um *input* compreensível, sem deixar de ser complexo o suficiente para desafiar o aluno a desenvolver seu processo de aquisição, exige que sejam promovidas discussões prévias sobre o assunto abordado em língua de sinais. Além de ser compreensível, o *input* deve ser autêntico e diversificado, ou seja, os alunos precisam estar diante de verdadeiros textos (muitos profissionais simplificam textos tornando-os não autênticos) e com topologia diferenciadas. Outro aspecto abordado sobre o *input* é a quantidade em que ele é oferecido ao aluno. Considerando que o *input* da L2 é

basicamente visual para os surdos, é imprescindível ampliar o tempo depreendido para o contato com a L2. O aluno deve ter oportunidade de interagir com o português escrito de várias formas e em todos os momentos em que for propício.

Ainda quanto ao *input*, vale destacar a forma como esse é oferecido. As pesquisas sobre a aquisição da escritura e da leitura de L2 mencionam a importância da leitura silenciosa em oposição a leitura “oral”. Normalmente, as escolas que permitem o uso de sinais em sala de aula na educação de surdos fazem a leitura “oral” - português sinalizado - do texto¹. De fato parece que as crianças acabam perdendo a visão global do texto.

Ainda quanto ao tipo de interação, o professor deve estar atento às oportunidades que o aluno dispõe para expressar sua L2 (*output*). No caso específico de alunos surdos, oportunizar a eles a expressão escrita é fundamental para que o aluno avalie o seu desenvolvimento e o professor interfira no processo de aquisição através de meios cabíveis (análise de “erros”, análise da interferência da LIBRAS, análise da estrutura do português). Ao analisar as produções de alunos surdos, parece ser possível inferir que o processo de alfabetização das pessoas surdas independe do processo de ensino do português. O *output* (produção) escrito dos alunos expressam idéias que apresentam uma relação direta com a LIBRAS. O processo de ensino do português ocorrerá em uma etapa seguinte. A intervenção do professor representa o *feedback* para o aluno surdo possibilitando a reflexão sobre as hipóteses que criou na sua produção (*output*).

A idade (maturacional, não necessariamente cronológica) dos alunos implica o uso de procedimentos diferentes no processo de ensino de L2 (Brown,1994). As crianças precisam de atividades que atendam aos seus interesses imediatos de forma mais natural possível. A língua escrita por si só apresenta características que se distanciam de relações comunicativas imediatas. Cabe aos profissionais tornarem esse processo interessante à criança inserindo-o em uma prática social. Normalmente, o ensino de L2 para crianças enfatiza a aquisição do vocabulário e a compreensão da L2. Essa ênfase reflete as questões internas envolvidas no processo, conforme abordagem anterior. É interessante observar que em função do período sensível para a aquisição (questão interna), os profissionais tendem a considerar o processo de ensino de L2 para crianças como mais fácil em relação ao processo de adolescentes e do adultos. Todavia, o que se observa é o contrário: inicialmente, as crianças apresentam uma produção menor que a dos adultos. Os adultos apresentam-se motivados conscientemente para o processo de aquisição da L2, assim se dispõem a falsear ambientes naturais de língua. Já com as crianças, o processo exige do professor habilidade para tornar a aquisição o mais autêntica possível e para criar a motivação que desperte o interesse do aluno.

¹ Português sinalizado é um sistema artificial adotado por escolas especiais para surdos. Tal sistema toma sinais da LIBRAS e joga-os na estrutura do português. Há vários problemas com esse sistema no processo educacional de surdos, pois além de desconsiderar a complexidade lingüística da LIBRAS, é utilizado como um meio de ensino do português. Para mais detalhes ver Quadros (a publicar).

Quanto aos estilos e às estratégias de aprendizagem (Nunan, 1991; Ellis, 1993), sugere-se que o professor faça o levantamento das tendências e das preferências dos alunos. As classes de crianças surdas normalmente são formadas por grupos em número reduzido (5 a 10 alunos); desta forma, conhecer os estilos e estratégias de cada aluno certamente repercutirá na qualidade da intervenção do professor no processo de ensino de L2.

Os fatores afetivos podem influenciar no desenvolvimento do aluno diante da L2. As crianças, por estarem formando sua auto-imagem, podem se sentir inibidas e os adultos, por serem críticos, podem bloquear o processo. Com os alunos surdos não é diferente; entretanto, além desses fatores, há outros que podem dificultar ainda mais a aquisição de L2. As crianças surdas podem estar sofrendo toda a pressão emocional familiar em função da surdez e os adultos podem manifestar resistências em relação a L2 decorrentes de constantes fracassos e frustrações gerados por um ensino inadequado. Os profissionais devem atentar a essas questões e procurar resolvê-las, pois estas afetam o processo. Tendo em vista a relação afetiva entre os pais e a criança, o trabalho com os pais, paralelo e conjuntamente com as atividades das crianças, deve fazer parte dos programas escolares. Já o trabalho com os adultos envolve um processo mais consciente; desta forma, os alunos e os profissionais devem refletir sobre o passado escolar para que se reavalie o processo e se construa uma nova caminhada em termos educacionais.

Finalmente, quanto aos aspectos culturais que envolvem o processo de ensino de L2, sugere-se que o profissional os explicita para o aluno surdo. Tais aspectos, que subjazem o texto, interferem no seu significado e passam despercebidos pelo aluno de L2. Considerando uma proposta bilíngüe e bicultural, é fundamental que o professor de língua portuguesa sirva de modelo de usuário da língua e da cultura da comunidade que utiliza tal língua. É interessante que sejam propiciadas oportunidades para comparar as culturas que subjazem as línguas envolvidas no processo de aquisição, ou seja, a comparação de aspectos culturais da comunidade surda com os aspectos da comunidade ouvinte. A reflexão sobre as culturas em que os sistemas lingüísticos estão imersos contribui para a conscientização das diferenças que se refletem, muitas vezes, em idiosincrasias do léxico.

Diante dos fatores abordados brevemente no presente artigo, pode-se inferir que o processo educacional apresenta um caráter multidisciplinar e que por essa razão os fatores externos não podem deixar de serem considerados. A análise das questões internas, embora feita de forma simplificada, indica a natureza do processo de aquisição de línguas. Ao pressupor essa natureza, torna-se possível abordar de forma mais clara os aspectos externos envolvidos no ensino de línguas. Os professores de português para surdos deixarão de confundir língua de sinais com língua portuguesa (por exemplo, na utilização do português sinalizado) quando se conscientizarem dessa natureza.

Para finalizar, torna-se relevante alertar aos profissionais que todo o processo depende da interação efetiva do professor com o aluno, em razão disso, o professor deve ser bilíngüe. Sem uma comunicação efetiva, ou seja, se o professor não se

, David. *Language Teaching Methodology* - A textbook for teachers. Prentice Hall International. Hertfordshire, UK. 1991.

QUADROS, R. M. de. *As categorias vazias pronominais: uma análise alternativa com base na LIBRAS e reflexos no processo de aquisição*. Dissertação de Mestrado. PUCRS. Porto Alegre. 1995.

QUADROS, R. M. de. As categorias vazias pronominais. Artigo apresentado no *I Encontro do Celsul* - 13 e 14 de novembro de 1995 - UFSC. Florianópolis. 1995b.

QUADROS, R. M. de. A educação de surdos: a aquisição da linguagem. Artes Médicas. 1997.

ⁱ O presente artigo é parte integrante do livro QUADROS, R. M. Artes Médicas. (no prelo).

ⁱⁱ Ronice Müller de Quadros - Rua Santo Antônio, 262/203 - Porto Alegre/RS CEP: 90220-010

Fone: (051) 2248430 - Endereço Eletrônico: rmquadros@music.pucrs.br

Doutoranda em Linguística Aplicada no curso de Pós-Graduação em Letras da PUCRS com o apoio financeiro da CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.